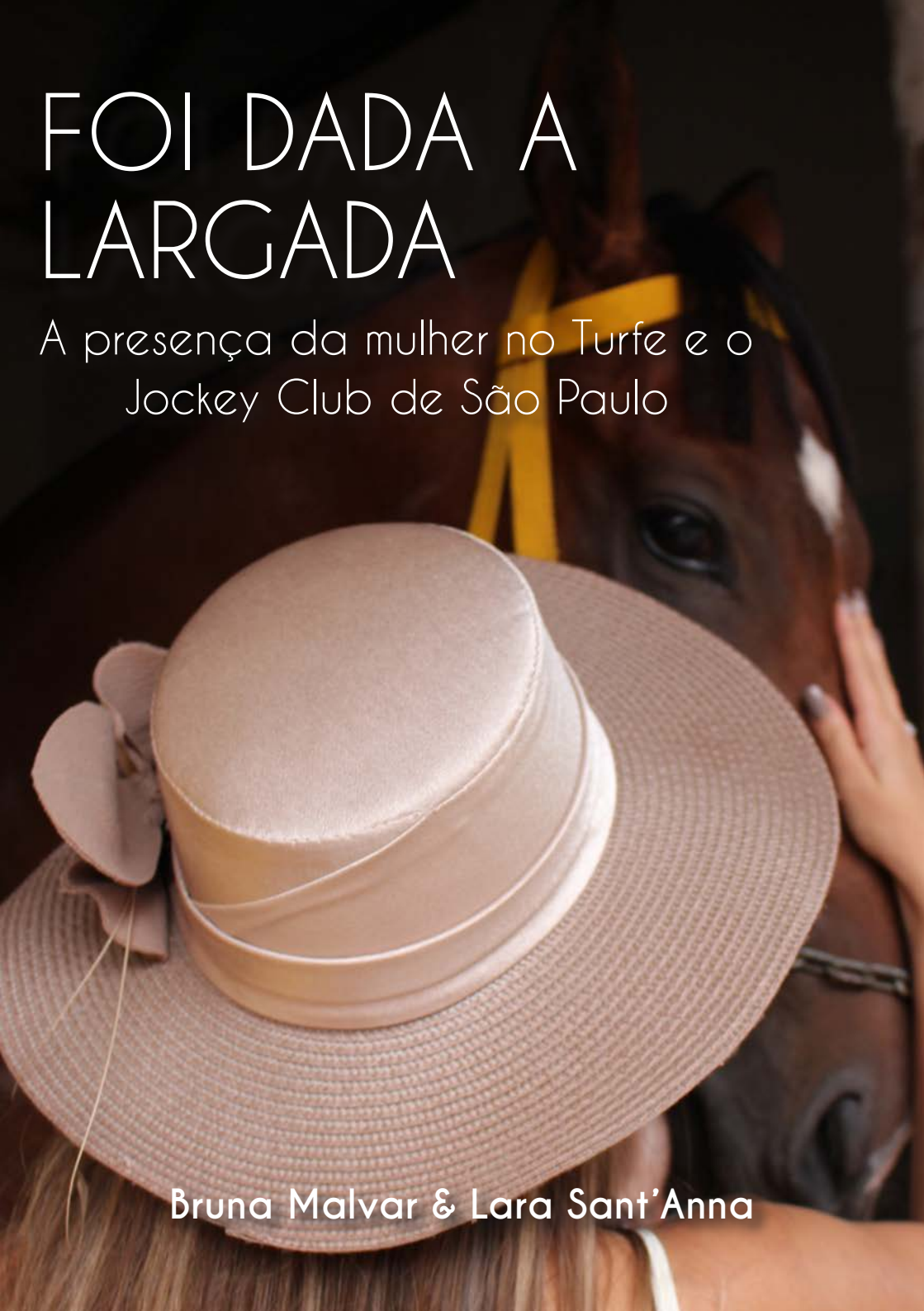


FOI DADA A LARGADA

A presença da mulher no Turfe e o Jockey Club de São Paulo

Bruna Malvar & Lara Sant'Anna

FOI DADA A LARGADA

A presença da mulher no Turfe e o Jockey Club de São Paulo

FOI DADA A LARGADA

A presença da mulher no Turfe e o Jockey Club de São Paulo

Bruna Malvar & Lara Sant'Anna

Orientação:
Prof. Dr. José Carlos Marques

2017

À Família;

Aos Amigos;

E às mulheres que têm a coragem necessária para ir além

“O cavalo é a mais bela

criatura, depois do homem.

O melhor mister é criá-lo.

A melhor das ocupações,

tratá-lo. E o maior prazer,

montá-lo”.

Provérbio Árabe

AGRADECIMENTOS

BRUNA: Escrever um livro sobre turfe e começar agradecendo à minha família é óbvio, mas necessário. Aos meus pais, Nilson e Regina, muito obrigada por me apresentarem a esse universo. Foi vendo a paixão de vocês que pude compreender tudo o que significa esse esporte. Separadamente, à minha mãe, o exemplo de mulher que falamos neste livro; e ao meu pai, que abriu as portas de sua cocheira e explicou com paciência cada pergunta para a qual eu já deveria saber a resposta depois de 23 anos dentro do Jockey. Às minhas irmãs e sobrinha, às famílias Malvar e Lima. À família Jarussi, que participa da minha vida pessoal e turfística. Aos amigos desta vida, aos amigos de Bauru - um capítulo à parte. Ao nosso orientador, que nos ensinou que a dificuldade é capaz de revelar muitos diamantes. À minha companheira de cidade, apartamento e TCC, por aguentar minha instabilidade e me mostrar novos olhares do que eu achava que conhecia. Este livro é de vocês.

LARA: Quando eu via os discursos nas premiações do Oscar e via que as pessoas tinham uma lista de nomes para agradecer, achava meio exagerado. Não era possível que tantas pessoas tivessem um papel tão fundamental para aquela consagração, mas hoje, tendo que escrever esses agradecimentos, só não acho provável como acho pouco. São muitas as pessoas que me fizeram chegar até este livro e a este TCC, que nem se compara ao Oscar. Muitos são os familiares e amigos, ou pelo menos mais do que o espaço de meia folha permite enumerar. Então, de forma geral, fica um muito obrigada pelo apoio. Obrigada à família, aos amigos, aos amigos que são família, ao orientador - que não nos fez desistir do diamante - e a companheira de TCC - que me ensinou muito mais sobre o turfe nesses quatro anos. Obrigada pelas conversas, pizzas, madrugadas em claro, conforto quando batia o desespero, e o apoio irrestrito nesses quatro anos de graduação. Sem todos vocês, certeza que este livro não existiria.

Capa: Bruna Malvar e Lara Sant'Anna
Orientador: Prof. Dr. José Carlos Marques
Projeto Gráfico e Diagramação: Bruna Malvar e Lara Sant'Anna
Fotografia: Bruna Malvar; Lara Sant'Anna e Porfírio Menezes

Lima, Bruna Malvar; Sant'Anna, Lara Rangel Gianvito, 2017
Foi dada a largada: a presença da mulher no turfe brasileiro - 1a edição/ Bruna Malvar e Lara Sant'Anna - Bauru, SP

1. Livro Reportagem 2. Não Ficção 3. Jornalismo e Esporte 4. Jornalismo literário

---

Esse livro foi feito como parte do projeto de conclusão de curso da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicção da Unesp. Curso de comunicação social: jornalismo

Todos os direitos reservados

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....13

PARTE 1.....21

1. Por dentro dos muros.....23

PARTE 2.....37

1. "Gostar de cavalos é fácil, difícil é montar".....39

2. Do outro lado da cerca.....55

3. O Azarão.....65

PARTE 3.....75

1. Foi dada a largada.....77

2. "O que você pode dar em troca?".....85

POSFÁCIO.....95

GLOSSÁRIO.....99

PREFÁCIO

BRUNA:

Não sei ao certo a primeira vez que pisei no Jockey Club de São Paulo. As fotos no colo de minha mãe mostram que ainda era um bebê quando comecei a frequentá-lo. Aliás, outras fotos ainda me revelam na barriga, durante a gestação. Talvez a primeira lembrança real que eu tenha seja num do-

LARA:

Minha relação com cavalos e turfe nunca foi muito intensa e próxima. Minha mãe sempre foi apaixonada por cavalos, e me lembro de um chicote de couro que ficava guardado no armário dela junto de uma foto dos seus tempos de menina. Na foto ela montava

mingo pela manhã, à beira da raia, esperando meu pai terminar seu trabalho para tomarmos café da manhã juntos. Era Dia dos Pais.

Na minha memória são poucas as cenas dele atuando como jóquei. Quando meu pai decidiu se dedicar exclusivamente à carreira de treinador, eu tinha apenas 7 anos. Foi um alívio em casa. Minha mãe – talvez mais apaixonada pelo turfe que meu pai – sofria com a alta periculosidade da profissão. Colegas que fizeram a Escola de aprendizes com ele morreram na raia. De ossos quebrados à perda temporária de memória, todas as quedas eram preocupantes.

o Pampa, um cavalo preto com manchas brancas da fazenda de algum parente. Outra lembrança é da minha infância, quando tirei uma foto com um pônei, em um passeio a uma fazendinha com a escola, e, alguns anos depois, quando cavalguei com o cavalo da fazenda de um amigo do meu pai – de resto, mais nada. Uma admiração e um carinho pelo animal, um sentimento de pena de quando os via nos filmes de guerra, mas só.

Com o Jockey e o turfe, a relação era ainda mais distante. Da janela do prédio em que morava eu via uma placa verde que indicava o caminho para

As primeiras vitórias importantes da carreira de treinador foram para o Stud Três Irmãs, de propriedade do meu avô materno. Dois clássicos com um animal chamado Panic Botton, um alazão de nariz rosado. Passávamos incontáveis dias na cocheira em família. Morávamos em uma avenida movimentada, e andar de bicicleta nas dependências do clube era a maior liberdade que uma criança paulistana poderiam ter.

Inegavelmente cultivamos uma relação muito próxima com os animais. O carinho e respeito por eles nunca precisou ser pregado, sempre foi algo natural de uma família criada em chegar ao clube, e quando passava pela Marginal Pinheiros e via as casas da cocheira perguntava para o meu pai o que era aquilo. Ele se resumia a falar que era o Jockey Club, um lugar com corrida de cavalos frequentado pelos mais abastados da cidade.

Foi apenas em 2013 que eu fui entender e conhecer um pouco mais dessa parte de São Paulo. Naquele ano eu ia a um festival de música, que seria realizado nas dependências do Clube, e fui até lá comprar os ingressos. Eu dei uma olhada no lugar e fiquei encantada com a vista que tinha da cidade. Um horizonte cheio

função deles. Há uns anos passamos a semana entre natal e ano novo na veterinária do Jockey. Um potro de dois anos havia chegado doente do haras, e não reagia aos tratamentos. A morte dele era certa, e nossa ida só tinha como objetivo acalentá-lo.

Nunca houve um período no qual os muros entre as pontes Eusébio Matoso e Cidade Jardim, na marginal do Rio Pinheiros, em São Paulo, me parecessem estranhos. Durante a temporada de dois anos de meu pai no Jockey Club Brasileiro, no Rio de Janeiro, minha mãe seguiu frequentando conosco o hipódromo paulistano. Quando o tem- de prédios, mas que me transmitia paz. Mais tarde, no mesmo ano, fui morar com a Bruna, que me contou que o pai trabalhava lá. Em um primeiro momento pensei que ele poderia ser qualquer coisa, mas nunca algo relacionado a cavalos. Acho que não entendia a dimensão do que acontecia naquele espaço.

Ao descobrir que ele era treinador, fiquei encantada. Por semanas perguntava tudo que era possível sobre o esporte e sobre a profissão do seu pai. Em uma das várias viagens São Paulo-Bauru que fizemos juntas, fiquei as quase cinco horas perguntando para ela coisas sobre as corridas.

po não ajudava e a água castigava a cidade de São Paulo, assistíamos às corridas pela televisão.

Apesar de a todo momento isso ter feito parte da minha vida, entendi bem cedo que o que acontecia dentro do Jockey Club não era conhecido pela maioria das pessoas. Na primeira série do Ensino Fundamental, todos os alunos levaram seus pais à escola na semana do trabalho. A ideia era que eles fossem caracterizados para apresentar suas profissões. Um jóquei com farda*, capacete, chicote, culote* e bota destoava dos médicos, professores e empresários pais de amigos meus. Acostumei-me a responder inú-

Mas eu demorei a ir ao Jockey, e a visita só aconteceu dois anos depois de conhecê-la, em 2015; nesse dia, meu sentimento foi igual ou superior ao descrito no livro. Fiquei fascinada pelos cavalos e impressionada com o tamanho deles. A vibração do público também me chamou atenção, não pensava que seria um clima tão vibrante e ao mesmo tempo cerimonioso. No caminho de volta para casa, liguei para o meu pai e contei a ele que finalmente tinha entrado no Jockey; a resposta foi que eu conhecia mais da cidade do que ele. Quando eu falei para a minha mãe, ela abriu um sorriso e con-

meras perguntas toda vez que o assunto era a atividade dos familiares.

Dentro do Jockey sou capaz de reconhecer a grande maioria dos rostos. Eles ainda são os mesmos que eu via na minha infância. Percebo com facilidade os que estão ali pela primeira vez, os que estão ali apenas pelas apostas, e também identifico os turfistas apaixonados. As famílias dos profissionais ainda não são muitas. Lembro de inúmeras pessoas perguntando para o meu pai – que teve três filhas – se seu objetivo levando a família ao clube seria aumentar o número de joquetas na escola de aprendizes, ou casar suas

fessou que sonhava ser joqueta quando criança, na mesma época em que montava o Pampa.

Ao me juntar à Bruna para a produção deste livro-reportagem, eu queria transmitir esse sentimento a mais pessoas. Não virei frequentadora assídua das corridas, mas virei defensora do espaço e do que ele representa, e conto para todo mundo sobre ele. São anos de história e centenas de pessoas que vivem do turfe, e isso deve ser registrado. A falta de representantes mulheres no espaço, algo que me chocou na primeira visita, também deve ser mostrada. Em pleno século XXI,

filhas com jóqueis.

Notar que o público sempre foi majoritariamente masculino não foi difícil. Entender que a ausência feminina deveria ser discutida e problematizada veio com o tempo. existe todo um sistema que exclui a participação feminina, por preconceito, tradição ou falta de interesse, e esse comportamento deve ser discutido, exposto e repensado.

Quando surgiu a oportunidade de abordar o Jockey Club de São Paulo a partir da profissão que escolhemos, a opção por evidenciar um esporte tão pouco explorado na mídia atualmente se sobrepôs à ideia de apresentar a instituição. Decidimos que era necessário realizar nossa investigação a partir de um ângulo ainda pouco valorizado no meio turfístico. Reunimos os relatos de mulheres que marcaram a história do turfe no Brasil e que ainda ajudam a construí-la. São elas, uma aprendiz, três joquetas, uma proprietária, uma treinadora, uma cavalariça, uma mensageira e uma turfista. Essas mulheres foram escolhidas porque se não são as únicas, representam as poucas que desempenham tais funções.

A partir delas explicamos o turfe como esporte, hobbie

e profissão. Tentamos explorar os ambientes do hipódromo através dos olhos daquelas que o frequentam e ajudam a mantê-lo. Não deixamos de lado as dificuldades que as mulheres encontraram e ainda encontram na busca pelo protagonismo em um esporte tão tradicional. O livro foi dividido em três partes. A primeira apresenta o Jockey Club de São Paulo, a segunda apresenta quem são as mulheres que participam do esporte e a terceira apresenta um dia de corrida e como é a vida delas, quando o fato de serem mulheres é sobreposto ao fato de participarem do turfe.

Apesar de ter sido escrito por nós duas, o livro apresenta uma única visão. Nos relatos e em nossas percepções, mesclamos a imagem cotidiana que a Bruna tem do Clube e do esporte com a imagem de algo novo e diferente que tem a Lara. Com isso, construímos um relato que mostra a magia do ambiente, ao mesmo tempo em que expõe seus problemas e sua rotina.

"Foi dada a largada: A presença da mulher no turfe brasileiro" trata de um esporte que sobrevive em meio à crise tanto financeira quanto de público, e das mulheres que deixaram o papel de público passivo – que vai ao hipódromo em dias de grande prêmio desfilar com roupas chiques e chapéus – e agora o ajudam a seguir correndo.

PARTE 1

1. POR DENTRO DOS MUROS

A marginal Pinheiros se estende por aproximadamente 22 km pela cidade de São Paulo. Via imponente da capital, não abre espaço para a contemplação – nela a vida também deve ser expressa. Os prédios que a cercam são ostensivos, com vidros e andares a perder de vista, pelo menos até chegar à ponte Eusébio Matoso, no sentido Ceasa-Interlagos. Nessa altura vê-se um muro que se alonga por dois km, até a ponte Cidade Jardim. Atrás dele algumas casas, todas de tijolo à vista e com as janelas viradas para o rio Pinheiros. Impossível não causar um estranhamento, a ponto de se perguntar o que é esse espaço que

quebra o padrão da grande metrópole. Uma placa verde avisa: é o Jockey Club de São Paulo.

A sinalização, no entanto, fica perdida para os olhos menos atentos. As casas, que são para o descanso dos cavalariços nas cocheiras, viram no imaginário coletivo um condomínio fechado, um terreno abandonado, ou são ignoradas. Não é grande a parcela da população paulistana que conhece as atividades que acontecem por detrás daquele muro.

O Jockey abriga um esporte que já se configurou como um dos mais populares no Brasil na primeira metade do Século XX, mas que perdeu parte de sua importância nos últimos tempos: o turfe, que tem como base as disputas de corridas de cavalos. A mídia da capital paulista não faz muito esforço para tirar o esporte das sombras, e desde o começo dos anos 2000 as notícias de turfe nos jornais são muito raras. Atualmente, apenas o jornal *Lance!* publica informações sobre o esporte de forma regular. Se no começo da história da mídia esportiva o turfe – junto com o remo – era o esporte a ser noticiado, hoje ele quase não recebe atenção.

É difícil determinar quando o esporte surgiu na história, mas competições de velocidade com cavalos já eram

comuns desde a Grécia antiga. A modalidade se tornou realmente conhecida no século XVII, na Inglaterra, quando os cavaleiros da realeza começaram a organizar competições de corrida entre seus cavalos – de onde se originou a nomenclatura "esporte dos reis". Da Inglaterra o esporte se espalhou e ganhou o mundo todo.

São diversas as modalidades, ocorrendo em diferentes pistas, circuitos, com a presença ou não de obstáculos. Os hipódromos – locais onde acontecem as corridas – têm regulamentos próprios, os quais especificam seus tipos de provas.

No Brasil, o turfe começou apenas no final do século XIX, quase simultaneamente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, em hipódromos que se destacam dos demais do país até hoje. Apesar de existirem competições para cavalos de outras raças, os puro-sangue inglês (PSI) dominam a maioria das provas nos Jockeys Clubs. Essa raça também surgiu na "Terra da Rainha", e suas principais características são a força e a velocidade, o que faz com que sejam frequentes tanto no turfe quanto no hipismo.

O tipo de corrida mais comum no Brasil é conhecido pelos britânicos como flat. A competição é em pista plana e sem obstáculos, e vence o cavalo que conseguir

superar os demais na velocidade, atravessando a pista – de 1.000 metros até 3.218 metros – mais rapidamente. A corrida pode acontecer na grama ou areia e não possui trilhos, o que significa que os cavalos podem alternar o balizamento durante a prova, desde que não atrapalhem os demais competidores.

No mundo do turfe, as corridas são chamadas de páreos, e eles são divididos em duas categorias: comum e clássica. Em um dia normal, a grande maioria dos páreos são comuns e, consequentemente, os cavalos que participam dessas provas não são animais diferenciados pela performance. Da totalidade de cavalos do Jockey, os poucos que se destacam são logo inscritos nas provas clássicas, que contam com prêmios maiores e grande prestígio. As provas clássicas mais desejadas são os Grandes Prêmios (GP), e entre eles os de Grupo I. Por ano, no Jockey Club de São Paulo, são disputadas quase 100 provas clássicas, das quais aproximadamente 50 são GP, e desses apenas 11 são provas de Grupo I.

Alguns personagens são indispensáveis para que uma corrida possa acontecer: os cavalos, seus criadores, proprietários, treinadores, jóqueis e os cavalariços. É na criação que a história de um cavalo começa. Os criadores,

junto com veterinários especializados, fazem o papel de Deus e realizam o cruzamento entre os animais pensando na genética que trará melhores resultados. Os cavalos nascem depois de aproximadamente um ano de gestação, e ficam sob o cuidado do criador até completarem um ano e meio, aproximadamente. Quando atingem essa idade são colocados em leilões. A grande maioria dos criadores selecionam alguns animais para manterem sob seus cuidados, tornando-se também proprietários.

Os proprietários são aqueles que adquirem os cavalos em leilões. Certamente trata-se de um evento à parte no mundo turfístico, e esses encontros são normalmente realizados após um dia de corridas. Eles reúnem dezenas de proprietários e treinadores, que, com os catálogos prévios, selecionam seus animais favoritos e se dirigem até o Tattersall* para confirmarem o interesse por meio de lances. É no momento que os cavalos são apresentados que a superstição pode valer tanto quanto o estudo das raças feito previamente. Uma relinchada ou empinada, a negativa dos potros em obedecerem aos comandos do puxador, ou até mesmo a forma de olhar dos animais são levados em conta. Conseguir comprar em leilões o animal desejado pode ser tão ou mais difícil do que ganhar um páreo. O

interesse de dois ou mais compradores pelo mesmo cavalo pode gerar preços inacreditáveis. O leilão da semana do Grande Prêmio São Paulo de 2016, por exemplo, contou com animais sendo vendidos por mais de R$150 mil.

Depois de feita a compra, os proprietários levam os animais para serem domados e posteriormente treinados por profissionais especializados em colocá-los em forma para as competições. Os treinadores contam com a ajuda dos cavalariços, que são encarregados de tratar do animal diariamente. À cada corrida, treinador e proprietário decidem qual jóquei será responsável por conduzir o animal durante a corrida, buscando sempre a melhor colocação.

Todo esse complexo e cativante mundo do turfe foi introduzido na cidade de São Paulo por Raphael Paes de Barro, filho do Barão de Itu. A história conta que Raphael era um jovem rebelde com ideias liberais, pregava o fim da monarquia e da escravidão. Para afastar o filho desses pensamentos, o Barão mandou-o para a Inglaterra. Na Europa ele entrou em contato com o turfe e permaneceu firme em seus ideais. Voltando para São Paulo, ele e alguns amigos – entre eles Antônio Silva Prado – criaram o Hipódromo Paulista, em 14 de março de 1875. O terreno pertencia a Paes de Barro e era localizado na rua Breeser, onde hoje é

a subprefeitura da Mooca.

Com o passar dos anos, o turfe foi se popularizando e ganhando mais adeptos, logo, o hipódromo original começou a não ser suficiente. Foi quando se iniciou o processo de encontrar um terreno para construir um novo e maior hipódromo na cidade. O plano inicial era conseguir a doação de um terreno da prefeitura no bairro do Ibirapuera, mas a construção do parque de mesmo nome se tornou um empecilho – mesmo com a sugestão de que o hipódromo seria parte integrante do então novo espaço. Com a falta de consenso sobre a utilização do terreno do Ibirapuera, a Companhia Cidade Jardim doou o atual terreno na beira da Marginal Pinheiros para a construção do clube. A ideia era urbanizar e desenvolver a região, que até então era muito afastada do centro. O prefeito da cidade, que também era presidente do Jockey Club, Fábio da Silva Prado, aprovou a proposta e, em 25 de janeiro de 1941, inaugurou-se o hipódromo de Cidade Jardim, com uma grande festa da sociedade paulistana.

Hoje, se a fachada do Jockey quebra o padrão caótico da cidade de São Paulo, dentro de seus portões o ritmo é igualmente alucinante. As atividades começam antes de o sol nascer. Os treinadores chegam às cocheiras às 4h30min

da manhã, recepcionados pelos cavalariços, que nesse horário já começam a preparar os animais para a prática dos exercícios matinais. Os jóqueis estão na raia às 5h, e só depois que os trabalhos com os cavalos começam é que o sol acorda a cidade.

A rotina do dia a dia do turfe é intensificada nos finais de semana, quando os donos dos cavalos podem acompanhar os treinos e conferir de perto o desenvolvimento de seus animais. É também no fim de semana que as corridas acontecem, sendo comum aos profissionais que chegam ao Jockey por volta das 5h da manhã deixá-lo apenas após o último páreo, às 7h da noite.

Em um passado recente, ainda na década de 1980, havia corridas no Jockey em seis dias da semana - (com 8 a 10 páreos por dia), e a terça-feira era o único dia de folga. Já no começo de 2016, eram três os dias de corrida: sábado, domingo e segunda. Com a crise financeira que o clube enfrenta, ocorrem em apenas um dia, aos sábados, quando as dependências presenciam as corridas que lhes foram designadas na inauguração.

A diminuição dos dias com corrida, no entanto, não é proporcional à redução do trabalho. Menos dias de corrida significam que serão organizados menos páreos, e que

consequentemente serão distribuídos menos prêmios. A redução da premiação só aumenta a competição e endurece ainda mais a rotina rígida dos que trabalham com cavalos.

A movimentação no interior no clube só não é maior porque os espaços esvaziaram-se com o tempo. As arquibancadas já não ficam mais repletas, e as cabines de recolhimento de apostas que ficavam espalhadas por suas dependências hoje estão fechadas, com exceção de alguns guichês que ficam embaixo da arquibancada social, que é a principal do clube. A diminuição na quantidade de apostas e a falta de novos associados fizeram com que o clube precisasse buscar outras formas de renda. Muitos eventos paralelos ocorrem no hipódromo nos dias que sobram à semana; a CASACOR – mostra de arquitetura, paisagismo e decoração – ocorre no clube há cerca de 10 anos. Shows, corridas, bazares e festas também são frequentes nas dependências do Jockey. O público, majoritariamente masculino, foi envelhecendo. São poucos os jovens e as mulheres que frequentam aquele espaço.

Essa ausência de diversidade também está na prática do esporte: de aproximadamente 130 jóqueis atuantes no Rio de Janeiro (hipódromo da Gávea), São Paulo (hipó-

dromo Paulistano) e Paraná (hipódromo do Tarumã), apenas seis são mulheres, uma representação menor que 5%. Treinadores, então, só encontram representantes femininas no Rio de Janeiro. São diversos os studs* – espécie de pseudônimos dos proprietários de cavalos – com nomes femininos. Mas a maioria é em função de homenagem às mães, filhas e esposas. Basta observar as conversas com os jóqueis e treinadores antes das corridas ou frequentar um treino matinal para perceber que mulheres são escassas.

Entre os que vão ao hipódromo sem envolvimento direto com o turfe, com o objetivo de apostar, ou apenas para acompanhar o esporte, a situação não é diferente. Estatísticas não seriam necessárias nem por formalidade, já que o cenário é percebido a "olho nu". De todo modo, estima-se que cerca de 80% dos frequentadores do Jockey em dias de corridas são homens. Ao andar pelas dependências do hipódromo, contamos nos dedos as figuras femininas, que em sua maioria estão acompanhando os homens.

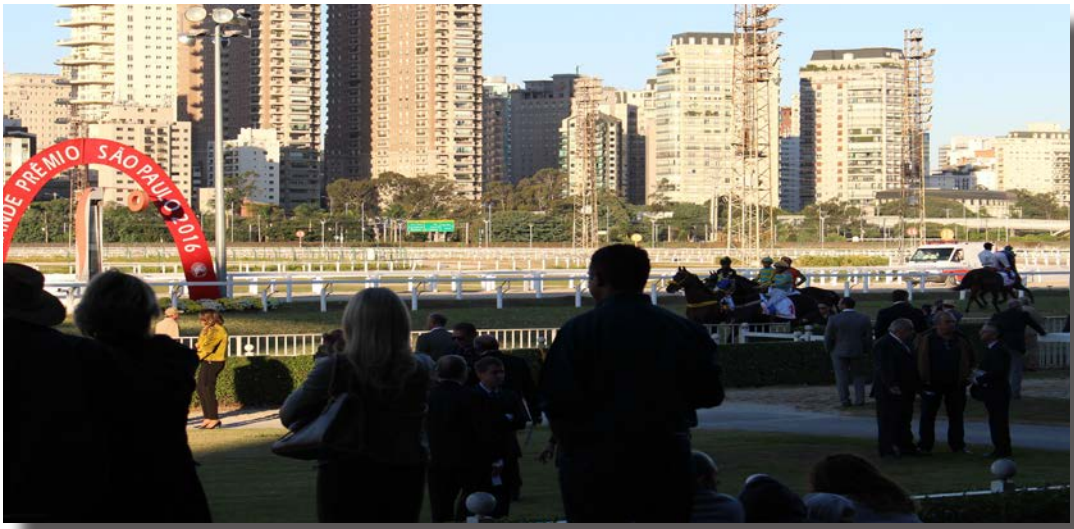
Ao caracterizar o público presente, torna-se necessário abordar a história e estigmatização social do clube, que foi criado pela elite paulistana e para a elite paulistana. Ou seja, mesmo sendo um espaço com entrada gratuita e livre é, ao mesmo tempo, um ambiente composto por sócios da alta so-

ciedade, que nunca tiveram como objetivo agregar a população paulistana de modo geral. Além disso, a criação de cavalos é um hobbie oneroso demais para o cidadão brasileiro médio.

A imagem transmitida tanto pela mídia quanto pelo imaginário popular também influencia na estigmatização, uma vez que se associa o Jockey muito mais às apostas do que ao esporte. A maior parte dos turfistas não levavam seus filhos ao hipódromo. Filhas e esposas, então, de jeito algum. Quando se comenta que não existe obrigatoriedade de apostas aos que frequentam o local, a reação costuma ser de espanto. Muitos profissionais privaram-se e privam-se até hoje da companhia dos familiares enquanto exercem suas atividades depois de muito escutarem que "Jockey não é lugar de família, muito menos de mulher".

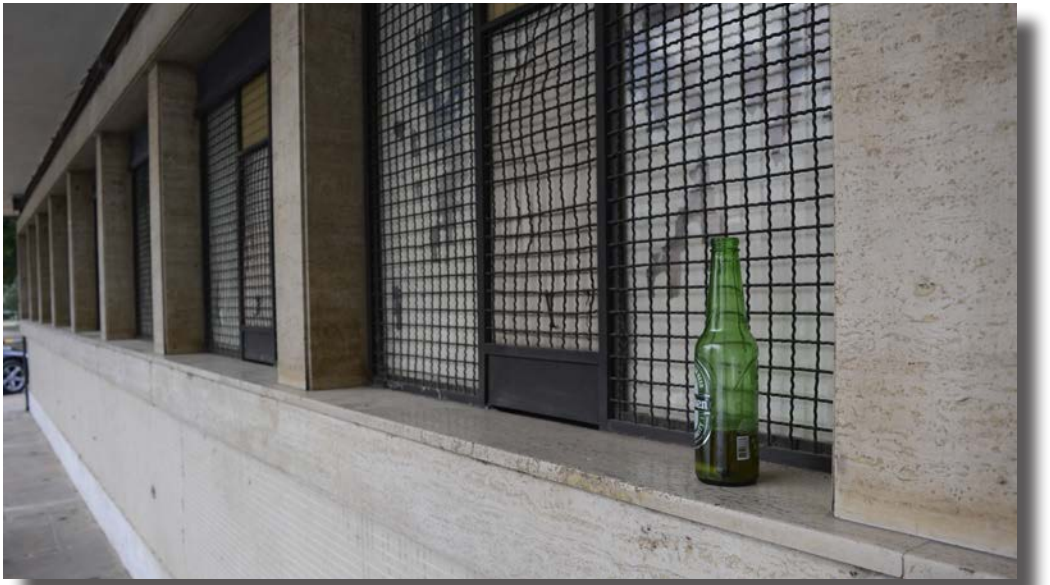
Somada à possibilidade de dinheiro fácil das apostas, a prostituição recorrente na Avenida Lineu de Paula Machado, onde ficam os portões de entrada do clube, contribuiu para a criação de uma imagem negativa sobre o espaço. O estigma de lugar imoral e impróprio para as famílias chega a ser um pouco óbvio quando ignorados o esporte e as pessoas que vivem em função dele. É compreensível , também, o público formado: envelhecido e masculino, com poucas possibilidades de renovação.

Público lota as arquibancadas no Grande Prêmio São Paulo de 1976
(Foto: Porfírio Menezes)

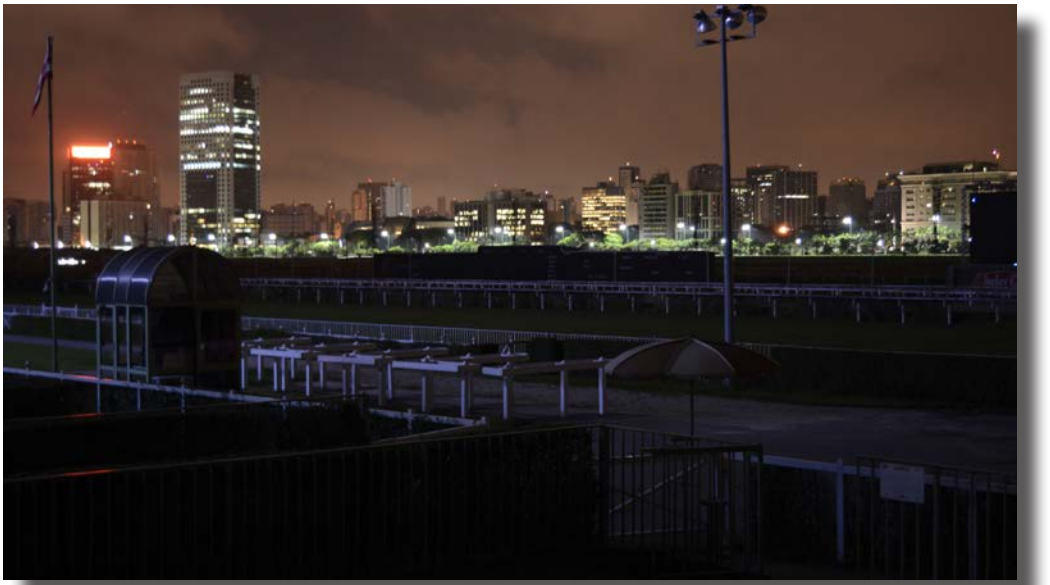


GP São Paulo 2016 conta com hipódromo visivelmente mais vazio que o de 40 anos atrás (Foto: Bruna Malvar)

Potro de dois anos é vendido por mais de R$40 mil em leilão realizado no ano de 2016 (Foto: Bruna Malvar)



Antigos guichês de apostas ficam fechados mesmo em dias de corrida
(Foto: Lara Sant'Anna)



A vista da raia do Jockey Club de São Paulo às 5h da manhã (Foto: Lara Sant'Anna)

PARTE 2

1. "GOSTAR DE CAVALO É FÁCIL, DIFÍCIL É MONTAR"

Tudo que quebra um padrão e é diferente é logo percebido; em um mundo de homens, as poucas mulheres que se aventuram a participar são sempre notadas. Por vezes são ignoradas ou subjugadas, mas certamente são notadas. Ao longo dos anos, algumas mulheres entraram no universo do turfe em maior ou menor representatividade dependendo da função, e com isso escreveram a história do esporte e da representatividade feminina – consciente ou inconscientemente.

Os bastidores das corridas ocorrem na vila hípica. É nesse local que encontramos as cocheiras, a veterinária, o

picadeiro, a parte administrativa e a Escolinha de Jóqueis de São Paulo. É a Vila que vemos da marginal e é nela onde tudo converge. Os trabalhos matinais começam lá, e suas ruas ficam cheias de cavalos, jóqueis e cavalariços até as 9h30, quando o asfalto é aberto para os carros.

A vila parece uma cidade interiorana do século XX. As ruas levam nomes de cavalos que marcaram a história do clube, e cada casa representa um stud. Os gatos andam livres pelo espaço e são os únicos que não respeitam os portões.

A Escola de Preparação de Jóqueis, um internato localizado na vila, é a primeira etapa para quem quer virar jóquei. A seleção para ser aprovado é rigorosa; é necessário ter entre 16 e 18 anos, medir no máximo 1,58 m e pesar com todo o equipamento de monta até 51 kg no máximo. Os aprendizes aprovados iniciam a trajetória na quarta categoria, na qual precisam conquistar cinco vitórias em um período de seis meses. Depois são categorizados para a terceira categoria e recebem sete meses para ganhar mais 15 corridas. Os que conseguem alcançar o objetivo passam para a segunda categoria, na qual ficam sete meses até serem transferidos para a primeira e última como aprendizes. São mais quatro meses para terminarem os dois anos

de tempo de escola e serem aprovados como jóqueis. Os que não atingem a meta de 60 vitórias ao final desse período, ou porventura não são aprovados para a transferência de categoria, são desligados e perdem a oportunidade de seguir na profissão.

Além das exigências físicas, é necessário que os aprendizes sigam à risca o regulamento interno, que determina que estejam na escola no máximo às 22h todos os dias. Faltas nos exercícios matinais ou na caminhada com os cavalos pela tarde devem ser justificadas ao professor, que avalia caso a caso, e determina se os alunos devem ou não receber punições. Entre as penalidades aplicadas, a mais comum é a suspensão do direito de montar nas corridas por uma quantidade específica de tempo, que varia de 8 a 30 dias. No período em que ficam na escola, os alunos recebem orientações do professor para melhorarem seus desempenhos. Assistem aos replays das corridas que disputaram e são supervisionados em tempo integral quando lidam com os cavalos.

Em São Paulo, são seis aprendizes em 2017, e apenas uma mulher: Dailey Milan de 21 anos. Ela é a aprendiz com mais vitórias na escola. Mudou-se de Divinópolis, uma cidade de pouco mais de seis mil habitantes, no inte-

rior de Tocantins, para São Paulo em 13 de maio de 2014 com a ajuda da prima e também joqueta, Jeane Alves.

Dailey tem o mesmo perfil da maioria dos jovens que chegam ao Jockey Club: jovens da região rural que ainda não terminaram os estudos. A maior diferença entre eles é relacionada à região das quais migram. Por conta da temperatura, a região sul do país é mais apropriada para práticas turfísticas do que a região norte, consequentemente, aqueles que saem de lá acabam tendo mais experiência com corrida de cavalos, ainda que em hipódromos menores, com modalidades de páreos mais curtos. Já a região norte do país conta com poucos hipódromos. Com exceção de alguns estados do nordeste, a maioria daqueles que saem da metade de cima do país teve sua primeira experiência com animais de fazenda, ou até mesmo nas rotineiras vaquejadas. O primeiro contato com o turfe acaba sendo em São Paulo ou Rio de Janeiro, as cidades com os maiores hipódromos do Brasil.

A falta de informação e divulgação sobre o turfe faz com que as profissões que estão a ele relacionadas não sejam vistas como carreiras a serem seguidas desde criança, mas sim como uma oportunidade, uma chance de mudar de vida. A propagação da profissão é muito restrita, não

extrapola os limites do círculo social da pessoa. Sem o apoio da mídia, é como se toda a realidade do turfe não existisse, ou tivesse ficado no passado.

Dailey sempre montou cavalos. Ela ajudava o pai a cuidar do gado na fazenda onde moravam. Porém, mesmo tendo familiaridade com o animal, o vislumbre de ser joqueta só veio na adolescência, quando decidiu seguir o exemplo de suas primas.

Aderlândia Alves, que hoje tem 39 anos, foi a primeira a chegar a São Paulo. Não só a primeira das primas, mas a primeira mulher a entrar na escola de aprendizes do hipódromo paulista. A chegada de Adê representou uma ruptura no quase exclusivo esporte masculino, além de causar uma grande mudança na estrutura do clube, ainda no final dos anos de 1990. Enquanto são aprendizes, os jóqueis dormem na escola, onde na época não havia vestiário ou dormitórios femininos, uma vez que nunca havia tido nenhuma aprendiz mulher. Na época, o Jockey teve que se adaptar às pressas para que Aderlândia tivesse onde ficar.

Já em 2008, quando Jeane Alves entrou na escola, a situação era mais favorável. O quarto e o vestiário feminino já faziam parte da arquitetura e planejamento do

Jockey, e uma nova regra havia sido adicionada ao Código Nacional de Corridas para incentivar os treinadores a darem montarias às joquetas. A regra diz que todos os animais pilotados por mulheres correriam carregando dois quilos a menos do que deveriam por sua classificação, com isso as mulheres teriam alguma vantagem, favorecendo sua escolha. A adição ao código se fez necessária porque não era apenas a organização dos quartos que precisava ser alterada, mas também a mentalidade das demais pessoas envolvidas com o turfe, que deveriam começar a abrir cada vez mais espaço para o feminino.

Entre Jeane e Aderlândia, passaram algumas outras joquetas pelas ruas da vila hípica. Algumas conseguiram grande destaque na profissão. Muitas, porém, não conseguiram atender às altas exigências do esporte, o que é comum também com os homens.

No começo dos anos 2000, Josiane Gulart saiu de Carazinho, no Rio Grande do Sul, com destino à escola de aprendizes do Rio de Janeiro, onde o irmão mais velho já fazia sucesso como jóquei. O pai de Josi era na época um ex-jóquei e treinador de cavalos, que sempre incentivou o irmão de Josi – Acedenir – a seguir a profissão e começar a montar. Acedenir começou nas corridas aos oito anos de

idade. Josi também se interessava pelas corridas, mas não recebeu o mesmo apoio do pai, que achava que ser jóquei não era uma profissão para a filha. Ela seguiu o sonho na insistência, disse ao pai que se ele não a ensinasse, ela procuraria outra pessoa. Depois do ultimato, ela conseguiu o apoio, e, como a maioria de jóqueis do sul, começou a montar às retas – páreos curtos e sem curvas, comuns na região. Quando completou 16 anos ela foi para o Rio de Janeiro.

Chegando lá passou por vários obstáculos. A escolinha não estava disposta a aceitar mulheres; diziam que as meninas iam lá para fazer bagunça e atrapalhar os jóqueis. Além disso, o dormitório feminino tinha sido transformado em uma sala de jogos, então não tinha onde ela ficar. A escola só aceitou que ela fizesse o teste porque o irmão insistiu com a comissão dizendo que ela era séria e tinha vindo do sul só para isso com a família. Alegou ainda que a falta de dormitório não seria um problema, porque ela moraria no Rio com a mãe, comprometendo-se a não se atrasar para os treinos.

Quando finalmente foi aceita para os testes, a escola colocou mais empecilhos. Josi acordou cedo, arrumou-se, colocou a bota por dentro da calça e foi ao Jockey Club de

ônibus. Chegando lá disseram que o teste havia sido remarcado para outro dia. Chegando o outro dia, não deixaram que ela entrasse. Com essa segunda porta fechada, o pai de Josi voltou para o Sul falando para ela desistir porque não iriam aceitá-la. A mãe de Josi continuou a apoiá-la, dizendo que se não desse no Rio elas tentariam em São Paulo.

Josiane só foi entrar para a escolinha paulista três meses depois de chegar ao Rio. Três grandes proprietários com influência intercederam por ela na comissão e ela foi aceita. A primeira vitória veio duas semanas depois de começar a correr, e ela se tornou a joqueta com mais vitórias de sua turma.

Quando ainda era aprendiz de primeira, Josi montou no Grande Prêmio Brasil. Ela conseguiu uma liberação para participar da prova como aprendiz e foi a primeira mulher a montar no páreo. Um proprietário de São Paulo permitiu que ela montasse o cavalo dele, e algum tempo depois esse mesmo proprietário foi quem a trouxe de forma definitiva para a capital paulista.

Vir montar no hipódromo de Cidade Jardim foi para ela a maior e melhor decisão que já tomou. Josi passava por um momento difícil no Jockey Club brasileiro. Ela so-

freu duas quedas sérias e precisou ficar parada por seis meses em cada uma para se recuperar, por isso estava "assinando" poucas montarias. Quando surgiu a chance de ir para São Paulo ela aceitou, na esperança de conseguir coisas novas. E deu certo, pois foi ali que ela viu sua carreira deslanchar e se consolidar.

Infelizmente, a crise no jockey paulista fez com que ela voltasse para o Rio, já que lá acontecem mais páreos e consequentemente há mais oportunidades. Na volta para o hipódromo da Gávea, veio a insegurança de não conseguir tantas corridas e de não ter muitas oportunidades, assim como estava acontecendo quando saiu, porém a situação foi totalmente oposta. As vitórias que conseguiu em São Paulo e a carreira que construiu nos 10 anos que passou pela capital paulista fizeram com que ela não encontrasse maiores dificuldades. Hoje, já tendo ganho provas de Grupo 1, e vendo o hipódromo de São Paulo – que é onde ela realmente gosta de estar – na situação em que se encontra, Josiane sonha morar e montar fora do país.

São Paulo também é a cidade que Halitheya Córdova viu surgir em sua carreira em 2007, quando ela tinha 17 anos. Filha do treinador Sérgio Córdova, ela sempre quis ser Joqueta. Nos seus tempos de meninice, aos oito ou

nove anos, montava em uma mansa égua tordilha que era de uma cocheira vizinha à sua casa. Quando o animal era solto, ia para o terreno de Téia, que montava a égua. Com um pedaço de corda de varal improvisava um bridão* e com um tapete uma manta. Ela ficava em cima da égua por horas, e quando finalmente parava, a via fugir e ouvia a bronca da mãe pelo material emprestado.

Mesmo sendo filha de treinador, Téia nunca teve o apoio do pai na empreitada de ser joqueta; ele não deixava que ela tivesse proximidade com o Jockey por ela ser mulher, não achava bom ela andar entre os cavalariços ou ficar nas cocheiras. Sérgio incentivava o filho mais velho a seguir no mundo do turfe, mas ele nunca se interessou por esse caminho. Halitheya só pode seguir seu sonho aos 11 anos, quando o pai faleceu.

Em seus 11 anos como joqueta, o título do Torneio Internacional de Porto Alegre foi o momento mais marcante de sua carreira. Ela teve a oportunidade de ir à competição porque uma das joquetas não pôde comparecer, então Téia foi chamada como representante do Paraná. Chegando ao aeroporto para fazer o check-in, ela percebeu que havia esquecido a mala com os materiais e uniforme; ela só tinha um capacete e uma camiseta de montar. Chicote, bota e

o culote não estavam com ela. No momento de desespero, ela pensou em desistir da viagem, porém embarcou no avião e pegou emprestados os itens que faltavam.

No total, nove joquetas do mundo todo participam da competição. Elas correm um total de quatro páreos, e as quatro primeiras colocadas recebem pontuação – quem pontuar mais no final, ganha. Téia queria ganhar a premiação para poder ajudar um amigo que passava por um momento difícil, e foi com esse objetivo que rezava a Deus por ajuda e se concentrava para correr.

Ela ganhou o primeiro páreo, não pontuou no segundo, ficou em segundo no terceiro e em quarto no último. Com essas classificações, não tinha como ganhar o torneio. Chateada com o resultado, ela se dirigiu ao vestiário e quando estava terminando de se arrumar começou uma movimentação não usual no local. Acontece que a joqueta campeã da prova tinha sido desclassificada porque corria de parelha – que é quando dois cavalos do mesmo dono correm o mesmo páreo. Nessa situação, as duas joquetas são sujeitas às mesmas penalidades por erros que apenas uma possa ter cometido – e a sua "companheira" correu com um quilo a menos do que o previsto pela classificação do páreo, o que fez com que fossem penalizadas.

Com a desclassificação das duas, que haviam chegado em primeiro e segundo lugar, Téia ficou com a segunda colocação e com pontuação suficiente para ganhar o torneio. A alegria de estar em destaque internacional pelo torneio vencido foi pequena, se comparada à felicidade de poder ajudar seu amigo.

Camila Reis era da mesma turma da escolinha que Halitheya. Ela chegou a São Paulo com 16 anos com o objetivo de ser joqueta. Nascida na capital paulista, Camila não teve a experiência na fazenda igual às outras, e seu contato com o cavalo sempre foi por meio do trabalho. Ela era funcionária de um Haras* e trabalhava com cavalos da raça quarto de milha quando o patrão falou para ela da possibilidade de ir para o Jockey. Ela se interessou e ingressou como aprendiz.

A falta de experiência com a montaria fez com que Camila estivesse pronta para as corridas depois de oito meses treinando. Essa demora em começar a competir acabou atrapalhando seu desempenho, uma vez que, com menos tempo de corrida, ela teve menos chances de conseguir vitórias e no fim, não alcançou a meta dos aprendizes, o que causou seu desligamento.

Trabalhar com cavalos era o que Camila mais gosta-

va de fazer, e decidiu continuar lidando com os animais. Foi contratada por um haras de cavalos puro sangue inglês no interior de São Paulo, para galopá-los durante os exercícios matinais. A adrenalina proporcionada por conduzir um animal de 500 kg a 60 km/h sempre foi a parte preferida dela, e só perdia o brilho quando a água caia do céu. Montar na chuva exige mais esforço, além do frio que chega a ser congelante no inverno.

Quando surgiu a oportunidade de voltar para a capital, quatro anos depois, Camila aceitou. Ela voltou a trabalhar no Jockey, mas dessa vez como cavalariça, um cargo que exige muito mais fisicamente do que os anteriores. Era ela a responsável por escovar os cavalos, trocar a cama e dar comida, e fazê-los caminhar na vila hípica durante a tarde. Camila seguiu no mundo do turfe até 2016, quando precisou parar. A crise do Jockey de São Paulo tornou a profissão não rentável, logo, insustentável.

Outra profissional indispensável no dia a dia do cavalo é a treinadora. Ela é quem prepara o animal para as corridas e acompanha sua rotina. Para se tornar treinador,

é necessário ter sido veterinário, jóquei ou segundo gerente/cavalariço por no mínimo cinco anos, além de ter oito cavalos ou mais disponíveis para seu treinamento. Como em todas as outras profissões que envolvem turfe, ser treinador não é fácil! A dura rotina influencia e muito na vida social. Os horários incomuns e as incontáveis horas de trabalho por vezes acabam comprometendo a convivência familiar.

A única treinadora mulher em atividade no Brasil é Cristina Resende, 48 anos. Ela trabalha no hipódromo do Rio de Janeiro há 23 anos, sendo 17 como treinadora e seis como veterinária. Ela nasceu em Uberlândia (MG) e seu primeiro contato com o animal veio ainda na infância, quando passava os finais de semana na fazendo dos pais. Foi a partir desse tempo com os animais que vieram o amor pelo cavalo e a vontade de trabalhar com eles.

Cristina começou a fazer o curso de veterinária ainda em Minas, e fazia estágio de férias no Jockey do Rio, oportunidade que conheceu com a irmã Cláudia, que já trabalhava lá como veterinária. No fim da faculdade, ela pediu transferência para completar a graduação na Cidade Maravilhosa, onde pôde fazer seu o estágio final e a residência no clube.

O interesse em se tornar treinadora veio dos acompanhamentos que fazia com a irmã, que na época já treinava. Ela se interessou pelo trabalho e decidiu pedir a matrícula. No começo da carreira, um proprietário disse que a apoiaria e daria seus cavalos para que ela treinasse. Foi assim que começou sua história como treinadora de cavalos de corrida.

Os últimos dois anos de seu percurso têm se tornado os mais importantes. Cristina tem ficado na lista dos melhores treinadores do Rio, treinando apenas 38 animais, um número inferior ao de outros profissionais, que chegam a ter mais de 100 cavalos sob sua responsabilidade. Em 2016, ela conseguiu ficar entre os 10 melhores, mesmo sendo punida com uma suspensão por falta de peso. Essa punição, no começo de 2016, foi resultado de uma situação parecida com a que ocorreu no Torneio de Joquetas vencido por Halitheya Córdova. Além da desclassificação do cavalo, a consequência da falta de peso é a punição por suspensão. Se acontecer em decorrência do jóquei, que se apresenta para montar mais leve do que deveria, é ele o suspenso. Quando a ausência de peso é responsabilidade do treinador, que pode ter se confundido ao equipar o cavalo, a suspensão é para ele. Apesar de não ser incomum,

a ausência de peso pode suspender seus responsáveis por até 30 dias, como ocorreu com Cristina.

Mãe de um casal de gêmeos, Cristina incentiva e sempre tenta levar os filhos ao Jockey, contrariando o comportamento de muitos outros profissionais. Nessa empreitada o que atrapalha é a idade dos filhos, que aos 14 anos já preferem sair com os amigos a acompanhar os animais nas corridas.

2. DO OUTRO LADO DA CERCA

Os cavalos montados pelas joquetas têm um proprietário, que é quem mantém o animal, contrata um treinador, acompanha seu dia a dia e sempre espera o melhor, ou o menos pior no momento da corrida. Possuir um animal não é muito barato, os cavalos dão muitos gastos e exigem tempo e dedicação.

Andréa Portes é uma proprietária de cavalos no Jockey Clube de São Paulo. Ela e o marido estão nessa vida há 15 anos e possuem 11 cavalos - sete no Jockey em corrida e quatro no Haras. Os cavalos do Jockey ficam na vila hípica, na parte das cocheiras. A deles é a cocheira 53 e fica

na rua da veterinária. O Stud deles já se chamou Marco Antônio Fiorelli, nome do marido de Andréa, mas atualmente chama-se No Fear, um nome dado como lembrança de um filme a que assistiram juntos, e de um sentimento que os acompanha nessa jornada: a falta de medo. Medo de ter cavalos, medo de que eles se machuquem, medo de comprometer o orçamento, medo de ousar.

A adoração de Andréa pelos cavalos é notada desde o colar com pingente de ferradura que ela usa, até na forma como ela os chama: os seus "meninos". A memória dela do Jockey vem da época de infância, quando o padrasto ia ao Clube escondido da esposa e mãe de Andréa, e a levava como companheira e cúmplice. Certamente seu amor foi inspirado no dele, que chegou a fugir do hospital, depois de ter sofrido um infarto, para acompanhar a corrida de um de seus animais.

Tanto Andréa quanto seu marido Marco são corretores de imóveis e moram em Barueri. Eles fazem a pequena viagem para São Paulo todos os finais de semana para acompanhar as corridas. Costumam ir à vila e visitar a cocheira durante a semana também, para matar a saudade. Na hora do páreo, ela conversa com o treinador e não desgruda os olhos do cavalo até ter a certeza de que

chegou bem. O turfe é um esporte perigoso tanto para o jóquei quanto para o cavalo. Também pudera, eles alcançam 60 km/h, velocidade superior à de muitos carros que trafegam na marginal, ao lado do Clube. Qualquer batida ou queda pode representar sérios problemas. Uma vez que essa realidade bate à porta, a tendência é ficar ainda mais preocupado com a possibilidade de que isso venha a acontecer novamente.

A maior paixão de Andréa é o Diyarbakir, cavalo que foi comprado em leilão, quando era apenas um potro. Seus criadores não receberam o lance mínimo estipulado e desistiram de vendê-lo. Foi então que o marido de Andrea entrou em contato direto com eles para fazer uma oferta. Haviam gostado do animal. Diyarbakir foi treinado em Campinas, em um centro de treinamento que apoia o Hipódromo Paulistano. A distância era um sofrimento para Andréa, que duas vezes por semana saia de Barueri e pegava a Rodovia Anhanguera para visitá-lo. Não demorou muito para perceberem que o animal demonstrava maior aptidão para as corridas que os demais, e então decidiram ousar e ir contra a opinião geral – pois os chamavam loucos – e o inscreveram em uma prova graduada, um Grande Prêmio (GP).

As provas de nível clássico exigem grande confiança da equipe no animal. A taxa de inscrição é mais alta, e o nível dos competidores, bem como a quantidade, é diferenciado. GPs costumam ser páreos cheios, com os melhores cavalos do país. Obviamente as premiações dessas provas são maiores, mas o nível de dificuldade de ganhá-las é superior ao aumento do prêmio. Quando Diyarbakir foi disputar o Grande Prêmio Ricardo Lara Vidigal, não teve crédito dos apostadores, pagava 11,1 por um, e acabou sendo um dos azarões do páreo. O cavalo "rebelde" liderou de ponta a ponta e ganhou com seis corpos de diferença para o segundo colocado. A vitória surpreendeu o público presente nas arquibancadas, que se encantou com a felicidade de seus proprietários. O páreo foi corrido em setembro de 2012, mas a emoção de Andréa ao descrevê-lo ainda é a mesma.

A campanha de Diyarbakir, no entanto foi curta. Durante um treinamento para outra prova importante ele sofreu um grave acidente, que findou sua carreira no auge. O carinho de seus proprietários foi determinante para que o animal se mantivesse de certa forma no turfe. Marco e Andréa o levaram para a reprodução em Jataí e o registraram como garanhão, o que significa que seus filhos futuramen-

te poderão competir nos hipódromos do país. Apesar do "final feliz", a lembrança do doloroso momento acompanha Andréa desde então. Foi a partir do Diyarbakir que a torcida maior do No Fear Stud nas arquibancadas do Jockey Club passou a ser a de que seus animais saíssem da raia no mesmo estado em que entraram, e só depois que atestassem isso se preocupariam com a classificação deles no páreo.

Infelizmente, porém, nem todos os cavalos têm a sorte que Diyarbakir teve quando se machucou. São muitos os casos de animais que perdem suas vidas durante as corridas, principalmente em acidentes. Uma das perdas mais sentidas para os turfistas aconteceu há mais de 30 anos. Off the Way era uma égua de criação e propriedade do famoso Haras Faxina. Ela teve uma campanha impecável e é considerada até hoje como uma das maiores éguas do turfe brasileiro. Entre suas 11 vitórias clássicas, está o feito que a eternizou no mundo turfístico: a vitória do Grande Prêmio Brasil, a maior premiação do esporte no país. Sua perda se deu nas pistas, 1 ano depois de vencer o GP Brasil, em 1984. Disputando o Clássico Imprensa, a égua sofreu uma hemorragia, decorrida de uma deficiência congênita.

Esse Grande Prêmio existe desde 1933, disputado

sempre no hipódromo da Gávea, no Rio de Janeiro. Desde a primeira edição até a última, disputada em 2016, apenas três fêmeas levaram o título da competição. A prova tem um percurso de 2.400 metros na pista de grama e aceita competidores do mundo inteiro, desde que sejam animais com no mínimo três anos. No mesmo fim de semana é disputado outro grande prêmio, de mesma categoria, pista e distância, mas exclusivo para fêmeas. Tendo duas opções, os proprietários de éguas acabam preferindo a segunda, que via de regra costuma ter um tempo pior do que o GP Brasil. Para que se escolha disputá-lo, a confiança no animal deve ser extraordinária, e a égua deve ser considerada acima da média por sua equipe.

Off the Way certamente o era. Uma enquete recente, feita pelo tradicional blog turfístico Turfe Brasil, revela que 40% dos apaixonados por corrida de cavalos consideram que Off the Way foi a melhor égua brasileira de todos os tempos. O fim de sua campanha foi lamentada por todo o mundo turfístico, mas certamente quem mais sofreu foi Margarida Polak Lara, titular do Haras Faxina. Conhecida por seu amor incondicional por cavalos, Dona Margarida era símbolo da presença feminina no Jockey Club de São Paulo. Desde 1941, quando fundou com o marido Henri-

que de Toledo Lara o Haras Faxina, até 2013, quando veio a falecer com 107 anos, era presença carimbada nos principais eventos do hipódromo.

Margarida nasceu em 1910 e não só fez história como presenciou também os grandes acontecimentos do século XX. Nascida na Rússia dos Czares, Margarida fazia parte de uma família de aristocratas e sempre teve nos cavalos uma paixão. Seus pais se separaram quando ela ainda era jovem, e Margarida foi morar com sua mãe e o padrasto, que em um primeiro momento se recusaram a deixar a Rússia pós-revolução. O padrasto se sentia intocável, por fazer parte de uma empresa multinacional. Além do mais, assim como a maioria da população não-bolchevique, ele não acreditava que o governo popular fosse durar.

Foi só com a morte do Czar Nicolau II que sua família fugiu para Berlim, na Alemanha, onde ficou por seis anos. Depois foram para Paris (França), cidade na qual Margarida conheceu Henrique de Toledo Lara, por intermédio do ex-presidente Washington Luís, que estava exilado na cidade. Henrique era de uma tradicional família paulista que vivia do café e de algumas propriedades. Em 1932, quando tinha 22 anos, Margarida veio a São Paulo conhecer a cidade e ver se se adaptava à nova urbe. Não só se

adaptou como casou com Henrique, e juntos ajudaram a compor a história do turfe paulista.

Com mais de 100 anos, quando a farda amarela e preta que a representava passava o disco de chegada em primeiro lugar, Dona Margarida descia toda a escadaria da arquibancada social do Jockey, com seus sapatos de salto e elegância invejável, para prestigiar seus cavalos na foto da vitória. Não foi à toa que recebeu o título popular de Primeira-dama do turfe brasileiro. Sua contribuição para o esporte – principalmente em São Paulo – foi inestimável. Além de ser um dos poucos proprietários e criadores a vencer o Grande Prêmio Brasil com uma égua, ganhou a prova duas vezes. Da primeira vez, em 1959, seu animal – Narvik – assinalou o recorde do páreo, que na época ainda era disputado em 3.000 metros. Ao receber os parabéns do então Presidente do Brasil Juscelino Kubitscheck, que comemorava o fim da hegemonia argentina de 11 anos na prova, fez questão de frisar que seu cavalo não era apenas brasileiro, mas paulista. Foi com a ajuda do Haras Faxina que o turfe na cidade de São Paulo ganhou maiores proporções, tanto como hipódromo quanto na criação de cavalos de corrida.

Em retribuição à relevância do Haras para o esporte,

o Jockey Club de São Paulo deu o nome de seus titulares a duas provas da esfera clássica. O Grande Prêmio Henrique de Toledo Lara é a 2ª prova da tríplice coroa de éguas, e assim como o GP Brasil e GP São Paulo, é classificado como Grupo I – a maior classificação existente para uma prova. Já o Grande Prêmio Margarida Polak Lara – Taça de Prata também é para éguas e recebe a mesma classificação dos anteriores. Quem ganha esse GP recebe um troféu cravejado por pequenas margaridas.

3. O AZARÃO

Como ocorre em qualquer outro esporte, o que sustenta a corrida de cavalo é a competição, que extrapola os limites da raia. O público presente também compete entre si. Poucos são os que possuem cavalos, mas todos os turfistas presentes torcem páreo a páreo. O que motiva essa torcida pode ser uma admiração por algum profissional ou stud, um carinho especial pelo animal, ou simplesmente a diversão de acertar ou errar o palpite.

A possibilidade de apostar intensifica a competição. Escolher o animal vencedor mais do que certificar uma convicção pessoal pode oferecer também um retorno fi-

nanceiro. Apostas em corridas de cavalos são a única modalidade de jogo de azar permitida por lei no Brasil – isso porque os resultados podem ser previstos com o estudo do retrospecto, filiação, e equipe dos competidores. Acertar uma aposta vai muito além da sorte.

Para se aventurar, é necessário no mínimo três reais. Existem diversos tipos de apostas disponíveis, sendo os mais comuns os tipos vencedor, placê, exata, trifeta e quadrifeta. Na modalidade vencedor não há muito mistério: o cavalo apostado deve chegar ao disco em primeiro lugar. O placê é o mais fácil de se acertar – o apostador ganha se o animal escolhido chegar em primeiro ou segundo lugar. Na exata é necessário acertar a ordem dos dois primeiros colocados. A mesma lógica da trifeta e quadrifeta, nas quais é necessário acertar os três e quatro primeiros respectivamente.

Não é preciso ir ao Jockey para apostar. As corridas são transmitidas pela televisão e no *site* do hipódromo, no qual existe uma plataforma para os jogos. O telefone também é uma opção, além das agências de apostas espalhadas pelas cidades. Dentro do hipódromo os jogos podem ser feitos diretamente nos guichês de apostas, ou através das mensageiras, que circulam pelas dependências do clu-

be com máquinas portáteis, facilitando e aumentando a quantidade de apostas.

Apesar de não ser necessário para a aposta passar a tarde nas corridas, é um prazer indescritível para qualquer turfista. Ver o animal ao vivo, avaliar sua desenvoltura e decidir, sentado nas arquibancadas, em quem apostar pode ser mais eficiente do que qualquer estudo feito nos programas.

Uma das turfistas mais conhecidas do jockey de São Paulo é Cristina Cardozo. Corintiana roxa, só divide o amor que tem pelo Timão com o que sente pelas corridas de cavalo. Sua relação com o Jockey começou na adolescência. Aos 15 anos, o pai – que era frequentador assíduo do hipódromo – começou a levá-la para as corridas e a introduzi-la ao mundo turfístico. Na sua vida, ir acompanhar os páreos e apostar sempre foi um evento de família. Mesmo quando o pai faleceu, devido a um câncer, ela e os irmãos continuaram com o hobby e frequentando o local. Hoje, aos 40 anos, Cris viaja por uma hora e meia de sua casa até a região do Morumbi para poder acompanhar as corridas.

A maior aposta que Cris já fez foi de 30 reais. O dinheiro para as apostas é reservado no começo do mês, e mesmo quando o trabalho como representante comercial

a impede de acompanhar as corridas no hipódromo, ela dá uma escapada do serviço na hora do almoço e aposta através das agências, nas quais também acompanha as provas. É virtualmente também que ela assiste e joga nos páreos do Rio de Janeiro. Foi em um desses jogos que teve sua maior vitória. Cris ganhou 1.500 reais em um azarão*. Em 2017, ela pretende finalmente visitar a capital fluminense para assistir a um Grande Prêmio Brasil ao vivo pela primeira vez. Nada mais justo, considerando a dedicação que ela tem ao esporte.

As apostas de Cris não são acompanhadas de nenhuma simpatia ou ritual, mas são sempre no azarão, nunca no favorito, nem quando o jóquei M. Almeida – seu maior ídolo no esporte – está montado em um. A paixão de Cris se juntou à história pessoal dele quando ela estava "dura". Ela tinha apenas três reais no bolso e decidiu fazer a aposta mínima nele e no cavalo no qual ele montava, que pagava 70 por um. O cavalo e Almeida ganharam, e, dos três reais que ela tinha apostado, voltou para casa com R$ 240,00.

Para ela, a emoção de um jóquei quando ganha é o que mais vale no esporte, ainda mais quando o jóquei é uma mulher. É com admiração que fala da força e coragem das mulheres que se atrevem na profissão. Quando come-

çou a frequentar o hipódromo, chegou a cogitar seguir a carreira de joqueta, mas já estava acima da idade ideal para começar. Cristina vê as apostas como forma de se divertir, e por isso nunca são muito altas. São uma forma de torcer para alguém que admira e gosta. Em São Paulo, tem uma boa relação com os jóqueis e é figura carimbada nas fotos da vitória. Ela só sai do clube quando acaba o último páreo e aposta em todas as provas do programa*, menos quando o favorito paga um real, porque nesses casos a chance de um azarão vencer se torna muito pequena.

De sua família, a mãe é a única que não vai mais ao Jockey nem faz apostas, porque se batizou na igreja evangélica. Quanto aos amigos, Cris não incentiva a vinda deles ao clube; diz que é difícil saber das condições financeiras de cada um, e aí "vai que vicia, né?". Como todos os turfistas apaixonados, Cristina espera que o clube se reestruture e volte com dias melhores.

Sua forma preferida de apostar é diretamente nos guichês da arquibancada social. Mas não tem muita superstição, e, quando necessário, aposta nas maquininhas independentes ou vai até uma mensageira. O importante é garantir a diversão do páreo.

Quem coordena o trabalho das mensageiras é a super-

visora de vendas do Jockey Club de São Paulo, Rosemary Goes. Rose, como é conhecida, trabalha no Clube desde o dia 2 de dezembro de 1989. A exatidão da data vem de sua importância. Foi a partir dela que construiu toda sua vida e encontrou seu amor. Antes de ser mensageira, Rose trabalhava no banco Bradesco. A vida fechada em escritório, com contato com poucas pessoas, não a fazia feliz. Uma amiga apresentou a ela a oportunidade de trabalhar no Jockey e ela aceitou, mesmo não sendo familiarizada com o ambiente ou com o esporte e com a falta de apoio de algumas pessoas – seu dentista chegou a sugerir que ela não aceitasse, porque o Jockey não era lugar de mulher decente. Foi só quando começou o trabalho no Clube que descobriu que seu pai costumava assistir às corridas e apostar em cavalos.

Nesses 26 anos, ela se tornou uma verdadeira entusiasta e defensora do Jockey e do turfe. Sua voz falha de emoção quando suas memórias a direcionam para as várias histórias que viveu, ou para as pessoas que conheceu nesses anos de trabalho. Pessoas que foram ao Jockey pela primeira vez se apaixonaram e estão lá até hoje, pessoas que foram uma vez para nunca mais voltarem e pessoas que estavam sempre por lá, mas que hoje não estão em

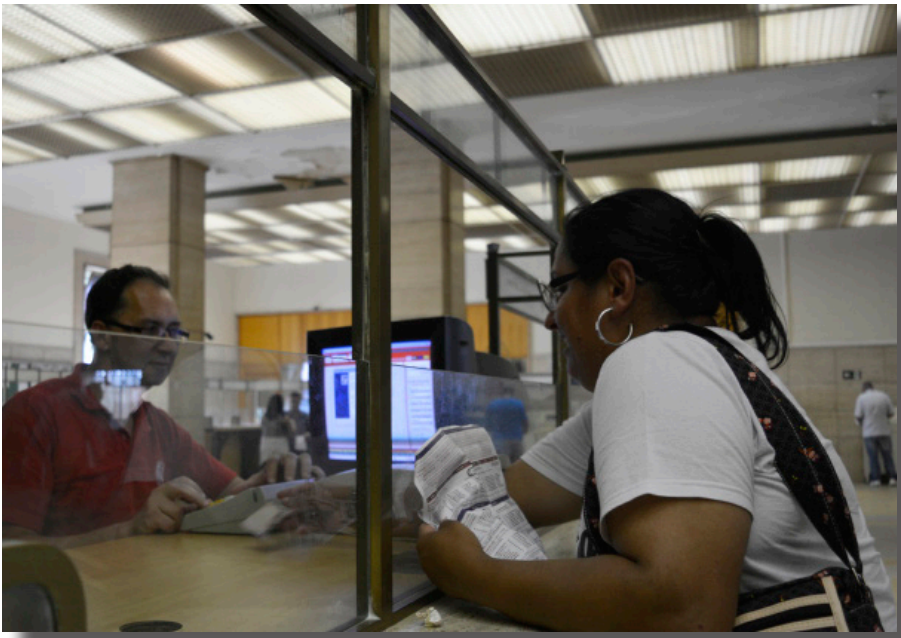
lugar nenhum.

Rose costuma trabalhar no segundo andar do clube, área reservada aos sócios. Quando não está lá, costuma circular pelo primeiro andar, nos restaurantes do hipódromo. Foi lá onde manteve contato constante com Dona Margarida, e a lembrança a faz chorar, porque Dona Margarida não só foi importante para a história do Jockey Club de São Paulo, como foi importante para a história pessoal de Rose também. Dona Margarida facilitou a venda de um caminhão para que Rose e o marido pudessem fazer transporte de ração para o haras, além de permitir que eles usassem a cocheira dela em São Vicente. Ao se de desculpar pela emoção, não encontra palavras para descrever o carinho pela titular do Haras Faxina.

O marido Paulo – ou Pica-Pau, como é conhecido por todos – também foi conhecido no Jockey, logo quando Rose iniciou no novo emprego. Ele era fotógrafo do clube e a chamou para sair; os dois foram para o Show Days, um restaurante e danceteria que existia no Shopping Eldorado na década de 80. O namoro começou rapidamente e dura até então. Os dois não têm filhos, mas Rose tem sobrinhos e os ama como tal. Ela já levou todos para acompanharem as corridas pelo menos uma vez, mesmo quando a irmã

proibiu a filha de ir, por não achar o ambiente apropriado. O carinho nessa relação é recíproco, e um dos sobrinhos chegou a marcar a data do casamento pensando exclusivamente no dia em que a tia estaria livre dos compromissos do Clube, que são cumpridos com rigor mesmo nesse momento de crise e até de falta de salário. O carinho e a identificação que Rose tem com o Jockey faz com que ela não participe de movimentos grevistas. O trabalho que ela desempenha vai além da gratificação financeira. Seu maior medo é o de que uma greve contribua para agravar a crise financeira que o clube enfrenta, causando até seu fechamento. Para suprir a falta de salário, ela começou a trabalhar na lanchonete dos profissionais – dentro do próprio clube – e agora não tem nenhum dia de folga.

Josiane Gulart durante os treinos matinais nas raias paulistanas
(Foto: Porfírio Menezes)



A turfista Cristina Cardozo realiza uma aposta durante um sábado de corridas
(Foto: Lara Sant'Anna)

A criadora Margarida Polak Lara visita o Jockey Club de São Paulo nos anos 80 (Foto: Porfírio Menezes)

A supervisora de vendas Rosemary recebe uma aposta nas arquibancadas sociais (Foto: Bruna Malvar)

PARTE 3

1. CRUZANDO O DISCO

Sábado é o dia sagrado no Jockey Club de São Paulo, pelo menos nesses tempos difíceis. Assim como o Deus cristão, o Jockey também admira sua obra no sétimo dia. É nele que as arquibancadas ficam menos vazias e as raias são ocupadas com os grandes animais. O sábado coroa uma semana de treinamento e trabalho, e apresenta ao público um verdadeiro espetáculo, que é grandioso na simplicidade da sua natureza.

Porém, antes de chegar ao ápice das corridas, o dia no Clube já começou faz tempo. Os treinadores, jóqueis e cavalariços se apresentam para o trabalho antes do sol

nascer, e na parte da manhã preparam os cavalos como em um dia normal de treino, que só se mostra diferente dos demais pelo público presente – formado em sua maioria por proprietários. Conforme o dia vai clareando, os rostos cheios de expectativa começam a ser iluminados. O que os animais apresentam no treino é crucial para prever o que vão demonstrar nas corridas. Tão importante quanto acompanhá-los é conhecer a equipe que treina cada cavalo. Cada jóquei e treinador tem uma tática de treino, com a qual podem exigir mais ou menos do animal pela manhã. Principalmente para os apostadores, é preciso ficar atento.

A manhã costuma terminar numa reunião informal para discutir o futuro dos animais e a campanha que devem traçar. Ela normalmente acontece na lanchonete em que Rose trabalha, ou nas padarias da região – quando o objetivo é evitar que as demais equipes estejam conscientes de seus planos. É comum escutar no Jockey que "O melhor cavalo só perde para a melhor inscrição", uma vez que escolher o páreo mais adequado para o animal pode ser o grande trunfo de uma equipe.

A inscrição na corrida é feita com uma semana de antecedência, para que a comissão organizadora monte os páreos. Os proprietários pagam uma taxa para que seus

cavalos participem de cada prova. Na segunda-feira anterior ao sábado de corrida, o programa é montado e as montarias são distribuídas aos jóqueis. Uma vez que são conhecidos os adversários, são cinco dias para definir a melhor estratégia e alcançar a vitória. É o mesmo tempo que os turfistas têm para definir suas apostas do final de semana.

O primeiro páreo do programa é às 14 horas, mas os cavalos saem da cocheira com duas horas de antecedência, ao meio dia. Eles desfilam por uma via de pouco mais de um quilômetro em direção ao paddock*. Nesse momento os animais são arrumados como se estivessem em um camarim; os treinadores os vestem com a manta, cabresto*, selim*, cilha* e bridão*. Os animais mais exigentes ainda usam antolhos*, ligas*, ou têm a língua amarrada, para ajudar com a respiração.

Quando estão prontos para correr, são apresentados ao público. Puxados ao redor do winner circle* por seus cavalariços, eles observam seus proprietários, treinadores, e jóqueis definirem as últimas táticas para a prova. A poesia da corrida começa com os jóqueis montando os cavalos. Essa é a atividade mais básica na vida de um jóquei, um movimento preciso e delicado, que demonstra força, habi-

lidade e precisão. Ele parte do chão e termina sentado no dorso do cavalo, um salto de aproximadamente 1,60 m. A força vem das pernas e dos braços que seguram no cabresto. O movimento fica ainda mais impressionante quando feito com o cavalo em movimento, mesmo em uma velocidade baixa, é um ato admirável e expressivo que aumenta a adrenalina e a beleza das corridas.

Saindo do winner circle, os cavalos vão em direção à raia para fazer o canter – um galope de apresentação de aproximadamente 200 metros. Nesse momento o narrador – uma das inúmeras profissões sem representantes femininas do clube – apresenta os animais, falando a qual stud eles pertencem, quem os treina, qual jóquei está em seu dorso e até sua linhagem. Essas informações e o comportamento do cavalo nessa hora ajudam Cristina Cardozo e os outros apostadores a decidirem em quem apostar. Depois do canter eles se posicionam no box de partida, e cada animal fica em uma baliza definida anteriormente por sorteio. O momento que separa o fechamento do partidor e a largada é de grande tensão, o barulho da torcida diminui e todos os olhos se viram para a raia, ou para a grande tela que transmite a corrida.

Quando a sirene toca, os cavalos começam a correr,

e o narrador avisa "foi dada a largada", o público entra em combustão. Os gritos de apoio começam e duram até o fim da prova, e nos metros finais os torcedores ficam ainda mais eufóricos. De pé, as pessoas torcem por seus cavalos e suas apostas, gritando incentivos para aqueles que estão nas pistas. As poucas crianças que frequentam o Jockey param de brincar para se juntar ao coro de torcida. Nos intervalos entre os páreos, em seu mundo de faz de conta, elas são os jóqueis a comandar cavalos imaginários, o chicote é o papel com a programação, e vence quem correr mais rápido. Quando os profissionais estão na pista, os pequenos fazem o que aprenderam na arquibancada com os mais velhos e gritam "vai, vai" até que cruzem o disco espelhado que fica no alto de um poste demarcando o fim da competição.

O barulho da torcida se mistura ao som inebriante do galope dos cavalos – que castigam o chão na velocidade e força das passadas – e, mesmo sem querer, surge uma adrenalina e ansiedade ao presenciar a apresentação. Tais sentimentos se perdem ao vermos a corrida pela televisão, pois nela o som dos cavalos dá lugar à narração acelerada de um homem.

Os poucos minutos, ou por vezes segundos, de dura-

ção de uma prova mostram a sincronia de movimentação perfeita entre as joquetas e o cavalo, que viram um só. É em cima do animal que a profissão vale a pena. A sensação de correr contra o vento, dizem, é indescritível com palavras, mas consegue ser traduzida com um sorriso de satisfação. Enquanto se corre, o cérebro se esvazia de tudo e só pensa na corrida. É a 60 km/h que o jóquei vê a prova e a arquibancada passarem. Cruzar o disco em primeiro é o êxtase de um ofício eletrizante.

Para o treinador e cavalariço não é diferente. O que acontece durante a corrida glorifica ou acaba com um trabalho de meses. No tempo do páreo, só é possível enxergar as cores da farda que leva sua torcida. A sala de treinadores é a única em silêncio, e vibrações só são ouvidas quando a corrida termina. O disco é o que permite aos olhos cansados piscar. Com a vitória, o encontro com o proprietário é leve e aguardado. Para a derrota, é necessário buscar explicações.

Assistir seu animal correr é uma apreensão paralisante. A torcida com gritos e incentivos é permitida sem julgamentos, e superstições são bem vindas. A expectativa na corrida é o parâmetro para o bom humor depois do páreo. Caso seja correspondida ou superada, o momento é de festa, no entanto com a decepção vêm as discussões e a

tristeza. O turfe é um esporte ingrato. Ele é muito rápido, e um erro, por menor que seja, pode representar a derrota. Uma chicotada a menos ou uma troca de baliza no momento errado comprometem tudo.

Depois de cruzar o disco, as joquetas descem do cavalo e vão para a pesagem. A balança fica em uma cabine ao lado raia e o peso deve ser o mesmo do que no início da prova - existe uma tolerância de meio quilo de diferença - caso contrário elas e a treinadora são punidas, como aconteceu com Cristina no Rio e com as adversárias de Halitheya no torneio de Joquetas.

Punições também são possíveis quando um cavalo prejudica outro competidor durante o percurso. Quando o páreo termina, tanto a proprietária, a treinadora ou a joqueta podem tocar o sino localizado perto da balança. O som do sino indica aos comissários que o competidor pede revisão do páreo porque se sentiu prejudicado. Dentro da cabine da balança, duas ligações são feitas; uma para quem se sentiu prejudicado, e outra para quem possivelmente prejudicou. Depois das justificativas, a comissão toma a decisão de manter o resultado do páreo, ou desclassificar o animal reclamado para a posição posterior à do reclamante. Toda decisão tomada pela comissão é soberana,

embora não necessariamente seja unânime em relação à dos turfistas.

Para coroar a conquista do campeão, é feita a foto da vitória no winner circle, bem na frente da arquibancada, à vista de todos que acompanharam a corrida. Na foto devem aparecer a joqueta, o cavalo, a treinadora e a proprietária – até a turfista que apostou no cavalo vencedor é bem vinda. É mais um acontecimento rápido, mas com um grande significado dentro do clube. Nesse momento, todos conhecem os responsáveis pela glória.

Quando acaba o páreo, as joquetas que vão montar mais cavalos no dia trocam de farda e se apresentam para a próxima corrida, que tem sempre a mesma organização, mas nunca é igual às anteriores. Cada páreo reserva uma surpresa única, e a ansiedade e a tensão se renovam a cada buzina que anuncia a largada.

É no momento da corrida que é possível compreender a paixão que move os profissionais a trabalharem com turfe, e que move os proprietários e criadores a terem um hobbie de tão alto custo financeiro. Ver no rosto e nos gestos de quem vive por esse esporte o olhar de alegria – não apenas quando se vence, mas quando o objetivo proposto para a corrida é cumprido – ou o olhar de tristeza por saber

2. "O QUE VOCÊ PODE DAR EM TROCA?"

"Isso tem sempre. Melhorou bastante, mas ainda tem". Essa foi a frase mais respondida e o maior ponto de convergência das histórias das mulheres deste livro. Camila e Dailey falaram rapidamente, sem deixar margem para outras perguntas sobre um assunto que preferem não tratar. A resposta já era prevista, mas ainda desconforta e causa revolta. A pergunta que a ocasionou era: "Você já passou por alguma situação de assédio ou se sentiu prejudicada, no trabalho, por ser mulher?".

Todas as joquetas disseram já ter sido desencorajadas ou desacreditadas por conta do gênero. Alguns trei-

nadores e mesmo proprietários acreditam que elas não têm a força necessária para levar um cavalo na corrida, ou que simplesmente não deveriam estar lá. Alguns preferem não dar satisfação, outros tentam amenizar a situação, e infelizmente não são tão raros os que dizem "mulher não monta pra mim".

O preconceito por vezes é acompanhado de assédio, e as oportunidades desaparecem quando as profissionais deixam claro que o interesse se restringe ao trabalho. Cristina Resende passou por essa situação tanto como veterinária quanto como treinadora. Os cavalos chegavam e saíam de seus cuidados na mesma velocidade com que ela negava investidas não profissionais. Halitheya havia acabado de virar joqueta no Jockey Club de São Paulo quando recebeu uma ligação de um renomado treinador, questionando-a sobre o que ela poderia dar em troca de uma boa montaria. Ofendida, ela respondeu que não tinha interesse.

Situações como essa são comuns às joquetas. Um treinador chegou a cobrar Josiane pelas montarias que ela recebeu. Ele a chamava para sair insistentemente, e, depois de ouvir seguidos nãos, ameaçou não dar mais montaria para ela, que respondeu que isso era problema dele,

ela estava lá para trabalhar. O treinador ficou por 15 dias sem falar com Josi, e só voltou porque os proprietários pediram que ela voltasse a montar os cavalos para a sua farda. Sem pedido de desculpas e agindo como se nada tivesse acontecido. “Eles não têm respeito nem quando você é casada. Falar que pegou a mulher do outro é uma vitória tão grande quanto um páreo, eles não têm esse respeito”., conta Josiane. Ela era casada quando essa situação aconteceu, e sua separação só tornou o assédio mais comum e insistente. Um simples bom dia frequentemente pode ser interpretado como algo além de educação e simpatia.

A dificuldade de inserção da mulher nesse ambiente historicamente masculino não se restringe apenas às histórias das profissionais. A proprietária de cavalos Andréa também passou por uma situação delicada envolvendo o seu treinador, a joqueta Aderlândia e seu cavalo Diyarbakir. Indo bem nas provas e nos treinos, Diyabakir foi inscrito para correr um Grande Prêmio, e Andréa queria que Adê montasse o cavalo na prova, uma vez que nutria grande admiração pela profissional.

Seu treinador da época, um dos mais antigos em atividade no país, foi duramente contra, dizendo que ele não permitiria que uma mulher montasse um cavalo dele.

Quando Andréa foi firme na decisão de ter Aderlândia no dorso de seu animal, ouviu as justificativas padrão de que a joqueta não teria familiaridade com o cavalo e que não daria certo a montaria.

Para solucionar o problema, Andréa se prontificou a levar Adê para treinar com Diyarbakir no Centro de Treinamento de Campinas. Saiu de sua casa em Barueri, encontrou-se com Aderlândia na loja Tok Stok, ao lado da ponte Eusébio Matoso, e seguiu para Campinas, às 5h da manhã. Chegando ao CT, recebeu os olhares emburrados de seu treinador, que não fez questão nem de ajudar a joqueta a montar. Quis o destino que fosse esse treino de Diyarbakir o responsável por encerrar sua campanha. Antes mesmo de completar uma volta, o cavalo quebrou o sesamóide, um osso localizado na altura do tendão.

Apesar de ser uma contusão relativamente comum, que poderia ocorrer em qualquer outra situação, com qualquer outro jóquei, a culpa ainda acompanha Andréa. As possibilidades de ter feito diferente, de não ter contrariado seu treinador, de ter seguido à risca a rotina pré-estabelecida da cocheira muito provavelmente não mudariam em nada o destino do animal, mas tirariam de suas costas a responsabilidade pelo inevitável.

O esporte se mostra hostil às mulheres até nos seus aspectos mais básicos. Além do frio congelante, o que sempre incomodou Camila quando montava na chuva era o período menstrual. A cor obrigatoriamente branca do culote vira transparente quando molhada. Somada à posição característica de jóquei, e ao desconforto "daqueles dias", como diz Camila, é incontestável que exercer a profissão assume novos desafios para as joquetas.

Outra realidade que atinge às mulheres de forma desigual do que aos homens é a questão da maternidade. Até mesmo por uma pressão social, é difícil encontrar mulheres que não têm ou não desejam ter filhos. Depois de se separar, Josi começou a namorar o também jóquei Vagner Leal, e engravidou. Quando descobriu que estava grávida, aos dois meses, teve que parar de montar imediatamente, porque qualquer queda ou acidente, por mais inofensivo que fosse, poderia prejudicar a criança. Durante o tempo em que ficou parada na gestação, todos diziam que ela não iria voltar a correr, porque ficaria muito mais receosa dos perigos da profissão ou porque não teria como seguir com a rotina que ser joqueta demanda.

Três meses depois que a Heloísa nasceu, Josi já estava na raia. Durante a corrida, não tinha medo do que es-

tava fazendo, pelo contrário, corria pela filha sabendo que ela a esperava depois do disco. Do momento que voltou às corridas até estar 100% fisicamente, foram três meses. No início, com medo de não conseguir montarias ou de não estar bem para correr, Josi estipulou uma meta. Ela teria que conseguir 10 vitórias em um ano, caso contrário buscaria se restabelecer em outro hipódromo, mas não continuaria no Rio de Janeiro. A meta foi batida em menos de três meses.

Com a chegada da filha Heloísa, a rotina mudou muito. O tempo que ela dedicava aos estudos dos páreos foi alterado, assim como suas atividades de treino durante a semana. O cotidiano de treinos matinais com os cavalos hoje em dia vem depois dos primeiros cuidados com Heloísa em casa. A preparação da mamadeira, a troca de fraldas e as instruções à babá levam um tempo diário. A casa do casal fica a 10 minutos de bicicleta da raia, e o celular que fica no bolso enquanto ambos galopam avisa se algo de estranho acontece à rotina da pequena.

A definição das estratégias das corridas nos fins de semana também já não pode começar na véspera. Todo o tempo livre de segunda a sexta é utilizado. Quando os páreos chegam e tanto Josiane quanto Leal estão montan-

do, é necessário contar com a ajuda de amigos e familiares para cuidar de Heloísa, mas sempre no hipódromo. Josi não abre mão da profissão e nem da presença e proximidade da filha com o Jockey e o turfe. Caso Helô cresça e se apaixone por cavalos, Josiane prefere que ela estude para fazer veterinária. Seguir a profissão dos pais é muito arriscado, mas, caso seja sua opção, isso será respeitado.

A necessidade de o turfe se firmar entre os mais jovens começou a ser percebida pelos profissionais. Um esporte sem renovação de adeptos tem seu prazo de validade atrelado à vida de seu público. Se essa mudança não começar por quem ama e depende da atividade, dificilmente começará por quem pouco conhece da magia do esporte.

O Jockey Club é um espaço meio misterioso para a cidade de São Paulo, não flui no mesmo ritmo e não aparece nas mídias com a mesma frequência que outros ambientes; parece que não é dado à fama. Os muros do Jockey, de certa forma, o separam da cidade e possibilitam que o clube seja um lugar reservado, um acalanto aos que se estressam diariamente na metrópole.

Nas ruas do Jockey, o trânsito é de cavalos, a buzina anuncia o começo da corrida, os prédios só ornam a paisagem ao longe, e a pressa é para ver quem vai ganhar a prova. Passar um dia no clube não é difícil, o tempo passa tão rápido quanto os cavalos no reta. Não interessa se a apreciação da corrida será nos restaurantes, na arquibancada ou pela televisão da parte interna, quando se está lá, é bom deixar a cidade e suas implicações muro afora.

Para ser melhor, só falta aqueles que o frequentam e mantêm entenderem que se for dada a oportunidade, as mulheres têm muito a oferecer. Muito mudou nos últimos anos, mas tem muito ainda para mudar. Quem sabe essa vitória não venha mais cedo do que o esperado, mesmo sendo mais tarde do que deveria?

A aprendiz Dailey Milan realiza o canter de apresentação numa tarde ensolarada de São Paulo (Foto: Bruna Malvar)

A joqueta Josiane Gulart utiliza a técnica conhecida como "gringagem" para montar (Fotos: Lara Sant'Anna)

Páreo é disputado em um dia de corridas (Foto: Porfírio Menezes)

Equipe comemora e posa para a foto da vitória no Winner Circle
(Foto: Bruna Malvar)

POSFÁCIO

Escrever esse livro foi um processo diferente para nós duas. Os desafios foram outros pela vivência que cada uma tinha com o tema. Por ter sua vida totalmente atrelada ao Jockey e às histórias aqui retratadas, a Bruna teve que encontrar uma nova visão para as coisas, teve que perceber o seu entorno com uma nova perspectiva, descobrir o novo no que já é memória. A Lara, por outro lado, teve que conhecer tudo e quebrar preconceitos existentes. Esses processos foram se completando conforme o livro foi se desenvolvendo e tomando forma. À cada nova entrevista ou dia passado no clube, nossa relações amadureciam para o essencial na escrita do livro.

Conhecer essas mulheres, essas histórias, nos fez pensar o quão desigual a questão de gênero é no mundo em que vivemos. A exclusão da mulher do ambiente de trabalho e do esporte não é novidade, muito menos exclusividade do turfe. Vemos isso no futebol, que é o esporte mais famoso do mundo, da mesma forma que vemos nas corridas. A grande diferença talvez esteja na popularidade. O turfe é um esporte de poucos e depende desses poucos para mudar a situação. A pressão social não recai sobre esse esporte da mesma forma que recai sobre o futebol, ou sobre as mulheres do ambiente corporativo. Além disso, o turfe é um esporte misto, ou seja, não existe uma liga feminina ou divisão de gênero nos páreos. No turfe, homens e mulheres competem com as mesmas condições, que nem sempre são justas e adaptadas para a realidade feminina.

As situações de machismo e preconceito pelas quais as mulheres passam no Jockey variam de acordo com a função delas dentro do clube. Proprietárias e criadoras, que têm maior liberdade e controle na hierarquia do turfe, passam por situações de descrédito e inferiorização. Vez e outra a capacidade delas de saber sobre o que estão falando é colocada à prova, bem como sua "chefia". Treinadores e demais proprietários buscam os maridos para obter

a informação, acreditando que elas não têm capacidade de fornecer o necessário. Em sua entrevista, Rose lembra que as pessoas não acreditavam que D. Margarida conhecia tão bem os cavalos, e quando ela falava e mostrava entendimento, as pessoas comumente se impressionavam, ainda mais considerando a idade já avançada.

Já as trabalhadoras do turfe, como as joquetas, treinadoras e cavalariças passam por outras situações difíceis. Como na maioria das vezes são subordinadas a alguém – e esse alguém quase sempre é um homem – elas convivem com o assédio. Para elas, a contratação sempre pode vir acompanhada de uma proposta indecente ou que foge dos limites da relação profissional. Outra forma de inferiorização é quando elas têm sua capacidade profissional julgada pelo simples fato de serem mulheres.

Em uma semana, as corridas de sábado foram passadas para domingo. O dia estava cheio de páreos e recebia a visita de Josiane e Leal – era a primeira vez que o casal voltava para São Paulo desde que se mudaram para o Rio de Janeiro. Leal montou 5 páreos e não obteve nenhuma vitória, Josiane montou 3 e ganhou uma corrida, a mais importante do dia. Às 20h, quando acabou o último páreo e já estávamos indo embora, atrás de nós, andando em

direção ao estacionamento, havia um casal que acompanhara as corridas. O homem, analisando os resultados disse: "O Leal não ganhou nada, a mulher ainda ganhou uma corrida, mas ele montou 5 e não ganhou nada."

A fala, além de mostrar o julgamento presente no Jockey, contou com um tom jocoso quando a comparação foi feita. Algo como "até a mulher ganhou uma prova, e ele não ganhou nada". O desacreditar na capacidade feminina pode ser sutil assim, como nessa simples análise depois de um dia de competições, ou pode ser explícito como no caso de Aderlândia, Andréa e Diyarbakir, mas é um sentimento que está presente e se torna uma barreira muito grande para aquelas que desejam seguir ao lado dos cavalos e ser mais do que simples acompanhantes usando chapéus.

GLOSSÁRIO

Farda: Uniforme que os jóqueis usam e identificam um stud. Cada Stud tem um desenho e padrão de cores únicos.

Haras: Fazenda que cria cavalos

Paddock: Local de preparação dos cavalos antes das corridasa

Culote: Calça de cor branca que os jóqueis usam junto da farda nas montarias

Tattersall: Local onde ocorrem os leilões

Stud: codinome que designam os proprietários

Bridão: Freio que vai na boca do cavalo

Cabresto: Parte do arreio com a corda que serve para puxar o cavalo

Selim: Sela para a montaria

Cilha: Cinta para segurar o Selim

Liga: espécie de faixa que protege os tendões do cavalo

Antolho: material que limita a visão lateral do cavalo

Winner Circle: Local de apresentação do cavalo antes do páreo, e da foto da vitória depois da corrida

Azarão: Cavalo com poucas chances de ganhar o páreo

Programa: Papel com a organização e dados dos páreos no dia